

O HERALDO

Director, proprietario e editor
JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS" TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 3 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

O HERALDO

No proximo numero tratará:
Da Illuminação electrica em Tavira.
Do descanso semanal em Tavira.
Do emprestimo da Camara de Tavira para fazer a transferencia dos cemiterios e cadela.

INCOHERENCIAS...

Nunca, em Portugal, o movimento grevista se pronunciou de uma forma tão irritante. Proclamada que foi a Republica Portuguesa poucas horas passaram e logo um sem numero de classes acharam momento asado para explanar as suas reclamações, para pedir melhorias, para fazer exigencias. Com tal insistencia e numa tal aglomeração que pode bem dizer-se: ha muito tempo que o governo provisório nada mais tem podido fazer que atender essas classes até levá-las com immenso trabalho e pulando inumeros obstaculos a uma solução cordeal mas provavelmente temporaria. Se repararmos bem, em Lisboa tem-se succedido as greves de tal maneira, que seria difficil apontar agora uma classe sobre que não pese o remorso de semelhante desemprego. Não ha duvida é este o termo.

O que não quer dizer que dessas classes não tenham algumas procurado obter incontestaveis direitos, regalias a que tem jus, augmentos rasgaveis. Mas a forma por que tem reclamado, e a intransigencia de que tem usado já para um governo provisório da confiança absoluta do povo que lhe deu o poder, já para as companhias colhidas d'improviso n'este saracotear de greves, fazem suppor que se desprezam todas as conveniencias politicas, todos os interesses do paiz para satisfação de exigencias mesquinhas umas, outras justissimas mas que poderosas rasões aconselhavam a adiar.

Na serie já numerosa de grevistas contam-se os empregados do gaz, e da electricidade, da agua, dos carris de ferro, os pregueiros, os rolheiros, os corticeiros, metalurgicos, os caixeiros, os de caminho de ferro e talvez muitos outros que agora não occorrem.

Com a excepção dos ferro-via-rios que attingiram todo o paiz causando durante dias um serio prejuizo ao estado e ás companhias particulares, todos os outros fazem parte d'essa massa anonyma—o povo de Lisboa—são uma parte mas uma parte grandiosa d'esse mesmo povo de Lisboa que fez a Republica e que, concluida a victoria, se portou de forma a merecer justificadamente a admiracão

dos extranhos pelo seu procedimento soberbamente correcto.

Como se concebe pois que dentro esse povo tenha sahido, dias apoz, esses mesmos culpados de de violencias e ataques á propriedade como foram a destruição das redacções? Como se percebe que d'esse povo haja partido a iniciativa de taes medidas de violencia quando o governo provisório, que é aliás quem, até agora, tem velado attentamente pela segurança da republica, não julgara necessarias precauções d'essa especie apesar de tratar com bastante interesse, do assumpto?

Em que conta se devem tomar semelhantes represalias?

Pois o governo, sobejamente informado ou o governador civil de Lisboa, sabedor de todos os maneios reacionarios não julgam necessario manda-las calar e uma parte d'esse mesmo povo heroico é que se adianta a emmudecer definitivamente por meio de um ataque brutal os tres jornaes monarchicos?

E essa avalanche de grevistas que tem diffcultado consideravelmente a marcha do governo, impedindo-lhe que ponha toda a attenção nas reformas urgentes, nas medidas mais precisas para a reorganização administrativa, que sentimento de patriotismo os guia, que amor pela patria e pelo levantamento moral deste paiz os anima, se assim compromettem com estes levantamentos em massa, com estas exigencias em ultimatum, a ordem cá dentro, o credito lá fóra?

Pretendem assim alentar a re-
 cenascida republica que elles, porque são povo, fizeram nascer? Ou pensam que bastou proclama-la para sermos todos felizes, embora cada um attenda somente os interesses e odios pessoais e relegue para o ultimo logar as conveniencias da ordem publica, o prestigio do governo, a serenidade do povo e o amor de todos pela Patria?

"Diario da Tarde"

N'esta brilhante folha portuense, que mudou de empreza no principio do corrente anno, tem agora cooperado com a pleiade illustre dos seus antigos redactores a pena erudita e criteriosa de José Pereira de Sampaio (Bruno) que ora dirige aquelle folha, tendo já escripto alguns artigos notaveis e merecedores da voga publica.

MODELO DE BARRIGA

Com um ordeado magro que mal dá para pagar o pão de cada dia, o funcionario publico é victima da barriga... Sonha com a barriga, faz reformas pra barriga etc.

E nem só o pobre funcionario. O tempo vai mau para todos. Custa a gaubar a vida honradamente.

Como seria bom não ter barriga! —On então, tel-a noutras condições... Por exemplo, como a do ventríloco que está ahí no animatographo...

Então sim, já se não dizia tanta vez. Não ganho pra barriga! Pelo contrario. Ganhava ella para nós.

Verdade seja que aquella também tem os seus inconvenientes. Sempre pede pão... de viva voz!

CHRONICA LO

Um batalhão de voluntarios

O exemplo de Lisboa, onde o povo se industria no manejo das armas, organizando-se em batalhões de voluntarios, adquirindo sob o commando de prificientes essa força excepcional e essa confiança no proprio valor, que vem da disciplina e do conhecimento da technica militar ainda não encontrou echo, creio, em qualquer cidade da provincia.

O povo da capital dá-nos um frisan-
 te exemplo de amor patrio e se não for só o resultado de um patriotismo incendiado ainda pelos ultimos acontecimentos, mas uma resolução firme de estar prevenido em todas as contingencias em que possa perigar o sugeito da Nação ou a independencia do paiz, o exemplo pode e deve ser seguido porque é d'uma utilidade e d'uma conveniencia incontestaveis.

Supponho mesmo que em breve-
 em Portugal, o serviço militar se torna obrigatorio para todos os ma-
 cebos com excepção unica dos impossibilitados phisicamente, excepção que virá substituir a dos endinheirados e privilegiados, nem por isso ca-
 recem de razão de existir os bata-
 lhões de voluntarios que passarão a ser firmados pelos cidadãos esque-
 cidis de aprendizagem regimental e por muitos outros que sempre ficam fóra, por varias razões, da alçada militar, ou sejam os que estão no exercicio de funcções publicas, ou em mil e um outros impedimentos.

E' conhecida a natural repugnancia do nosso povo pelo serviço militar, a ponto de muitos paes sacrificarem até o ultimo centil, venderem as casinhas onde jazem ou o bocado de terra d'onde tiram a rios de suor o pão quotidiano, para livrar o filho da sorte.

Pois é necessario fazer ver a essa gente que recebe o serviço militar como os trabalhos publicos a que são obrigados os valiosos de profissão e os condemnados por outros crimes que, a instrução militar, a organização e a disciplina são precisas não só a esse elemento que está encarregado de manter a ordem publica e se chama o militarismo como ao povo, a todo o povo, que assim possa offerecer n'um momento de perigo uma tenacissima resistencia e fazer o milagre de evitar, que isto vá num-
 sino como diz a phrase popular, á menor perturbação interna que é o mesmo que dizer á primeira tenta-
 tiva de absorção por parte de ex-
 trangeiros avidos.

Sob a vigilancia e com o in-
 cimento das commissões parochias os concelhos deviam fazer cada um o alistamento para a sua milicia ou para o seu batalhão municipal que seria convenientemente adestrado por officiaes dos regimentos em exercicios de instrução conveniente espaçados e em dias taes que a elles podessem comparecer todos os cidadãos que n'essa instrução podiam gastar algumas das horas d'ocio que todos têm.

Resultaria d'abi uma grande conveniencia mais, alem das já aponta-
 das. Era a de se evitar manifestações espetaculosas e de exemplo equivoco para o povo como são os que se de-
 ram nitidamente. Requisitando o chefe superior do districto que fossem occupadas as estações de caminho de ferro pela tropa ou pelos popula-
 res de confiança logo appareceram cidadãos de arma em punho n'um alarde inutil, preparados para de-
 bar uma resistencia que ninguém sonhava oppor-lhes!

lar uma resistencia que ninguém sonhava oppor-lhes!

Todos os cidadãos que quizerem, em occasião opportuna, dar o seu sangue pela patria, sacrificar-se á independencia nacional ou pela re-
 publica, podem tornar-se muito aptos para conseguir tão nobres fins. Alistam-se no batalhão de volun-
 tarios, como tem feito o povo de Lisboa, adquirem a instrução pre-
 cisa para o mauoseamento das armas e os conhecimentos indispensaveis aos que poderão vir a occupar o posto de combatentes.

Mas não se apresentam ao menos justificado alarme, de caçadeira, dis-
 persos, dando a illusão horrorosa de um povo armado para massacres ou disturbios; sem commando, sem or-
 ganisação, sem plano.

Ah não, isso não.

Arme-se o povo, organize-se em batalhões, instrua-se e fique alestra-
 do e apto para prestar um imponen-
 tissimo appio ao governo ou á patria. Ficaria mal a Tavira dar o exem-
 plo pelas Provincia?

19.1.1911.

S. J.

Nota.—Depois do escripto esta chronica vimos um artigo do sr. Velinho Correia distincto official de administração militar quena «Democracia» tratando da defesa militar do paiz se refere por alto aos batalhões de voluntarios. Pela «Folha de Annuncios» de Lagos ficamos tambem sabendo que n'aquella cidade já existe um batalhão de voluntarios sendo provavel que haja lá precisas e louvaveis agremiações em outras terras da provincia sem que tal saibamos. Por isso onde se lê acima: Ficaria mal a Tavira dar o exemplo deve ler-se: Ficaria mal a Tavira seguir-lhe nobre exem-
 plo?

JOSÉ PARREIRA

Esteve em Tavira e retirou para a capital na sexta feira o nosso pre-
 sado e considerado camarada da imprensa de Lisboa sr. José Par-
 reira.

Mais um que foi "á viola"...

Em dia de S. Sebastião, quando as municipalidades transacções feste-
 javam o santo crivado de settas, en-
 trava estrondosamente por ahí de-
 lro, com o seu cortejo de chufas e eoganos uma magestade singular e picaresca.

El-rei Carnaval, fazia a sua apre-
 sentação, para se conservar por uns dias entre indeciso e semsaborão até que chegasse a epocha das mascaras, das bailes, das batalhas de flô-
 res e dos cortejos. Então, mais ani-
 mada, sua magestade envergava os
 trajes de cerimonia e, empunhando á laia de sceptro, uma seringa, appa-
 recia de ponto em branco, puxado a cavallos enfeitados, no carro allego-
 rico...

Acabou-se...

S. Sebastião retirou-se á vida parti-
 cular, quer dizer, deixou de ser san-
 to officialmente e o Carnaval despiu á entrada da fronteira os regios fatos para envergar jaqueta e cobrir-se de côco.

Tenha paciencia cidadão Carnaval...

«NOVIDADES»

Reappareceu na imprensa da ca-
 pital este diario de tão illustre tra-
 dição que ha mezes se encontra-
 va suspenso.

Vem dirigido pelo escriptor sr.
 Hygino de Mendonça, diz-se aberta-
 mente independente em politica e não perdeu a feição litteraria que desde tempos o distingue entre os collegas.

SILVA NOGUEIRA

Ainda opera hoje e amanhã no
 quintal do Theatro este nosso amigo
 que a instantes pedidos dos seus
 clientes resolveu voltar mais uma
 vez a esta cidade.

CARTA DE LISBOA

HAJA JUÍZO

Nós, que no tempo da monar-
 chia nos cançamos a pedir juizo, muito juizo, porque os negocios publicos não iam bem—estamos hoje na mesma situação. Continua-
 mos a pedir juizo, muito juizo, e—
 o que é mais curioso—acompanha-
 dos pelo proprio ministro do fomen-
 to, que no seu jornal já faz agora
 igual pedido.

De facto, não se trata nem de Monarchia nem de Republica. As ideias politicas nada valem, as opi-
 niões de seita ou de partido nada representam, quando outros inte-
 resses mais sagrados, os interesses da Patria, se impõem ao nosso respeito.

Quem põe os seus odios e as suas paixões politicas acima da in-
 dependencia e do bem estar da terra em que nasceu nem é bom cidadão nem bom politico. É um traidor á Patria.

Pela terra da Patria, por este lindo e abençoado paiz onde cres-
 ceram os nossos melhores affectos, onde nos prendem as mais com-
 movidas recordações,—terra em que pela primeira vez abrimos os olhos á luz do dia—todos temos o dever de sacrificar mesquinhos in-
 teresses e paixões mesquinhãs por este ou por aquelle ideal partidario, por este ou por aquelle homem politico.

Não se trata, devemos repetir o, nem de Monarchia, nem de Repu-
 blica. Trata-se da Patria.

E' independente e livre, respei-
 tada e grande, que todos nós a queremos. Se um dia a pizassem estrangeiros dominadores, já não seríamos, então, mais de que um rebanio de escravos. E aquelles que para essa fatalidade a tivessem impellido, aquelles que para esse monstruoso crime tivessem traba-
 lhado, haviam de olhar para si proprios com horror—o mesmo horror que sentiria quem, depois de ter assassinado a propria mãe, olhasse para as mãos tintas de san-
 gue.

O momento não é para dissen-
 sões, nem para aventuras, nem para guerras de irmãos contra irmãos. O momento historico é para todos nos unirmos, cheios de crença no futuro, é para todos trabalharmos, no accordo mais perfeito, para o engrandecimento do paiz.

Sabe-se que já ha muito não é boa a situação financeira do paiz. Todos sentem que grandes sacrifi-
 cios são precisos para saldarmos, com honra e com brio, os nossos compromissos internacionaes. Ninguem ignora que é indispensavel muito criterio, muita ordem, muita solidariedade, para reconquistarmos todo o nosso prestigio na Europa, no logar a que nos dá direito o facto de sermos ainda uma das maiores potencias coloniaes de todo o mundo.

Não vamos agora criminosamen-
 te, monstruosamente crear difficul-
 dades a nós proprios, já que paizes estranhos as não veem crear aqui. Temos lá fóra a fama de paiz he-
 roico e generoso, de povo trabalha-
 dor e audaz, sempre levado por sentimentos de honra, de coragem e de cavalheirismo. Ergueu-se em volta de nós uma atmosphera de sympathia tal que um estrangeiro illustre, um dos maiores jornalistas europeus, exclamava, assombrado, dias depois da Revolução:

—Os portuguezes! Que generoso povo! Que grande e heroico paiz!

Não deitamos nós por terra a nossa própria obra. Não levantamos dificuldades ao resurgimento de uma era de paz e de prosperidades. Ponhamos todos de lado a política de homens e de partidos—venenoso philtro que por vezes nos corrompe os melhores sentimentos. Acima dos nossos interesses, das nossas sympathias pessoais, das nossas paixões e das nossas crenças políticas, outro mais sagrado interesse se levanta: a Patria.

Unidos todos, sem rancores nem resentimentos—a obra de engrandecimento e de regeneração será fácil e magnifica. Sem união, sem criterio, o mal será sempre maior. Haja patriotismo. Haja juizo.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"Historia das Religiões"

COMPILAÇÃO DE RIBEIRO DE CARVALHO

Livro notabilissimo, livro indispensavel a quantos desejam insinuir-se e progredir. Temos vivido em uma ignorancia quasi absoluta acerca da historia das religiões. Chegamos a não saber a propria historia do Catholicismo, que mais de perto nos interessa e agita. De modo que um livro, conglobando a historia de todas religiões, em todos os tempos e em todos os paizes, constitue um trabalho que todos devem possuir, que todos devem ler e propagar.—o que representara um valioso serviço prestado á causa da insinuação em Portugal, porque uma das mais necessarias tarefas da sciencia consiste hoje em reconstituir a historia das religiões.

Servindo-se dos notaveis trabalhos de Salomão Reinach, de Beuchat, de Hollebbecke e do Barão d'Olbach, conseguiu Ribeiro de Carvalho conglobar em um só livro, por maneira clara, toda essa historia, dividindo a obra em tres partes, cuja enumeração basta para lhe mostrar a importancia.

A Origem das Religiões.—Religião e Mythologia.—Theoria da Revelação primitiva.—O fetichismo.—O culto das plantas e dos animais.—As metamorphoses.—O Totemismo e as fabulas.—O sacrificio do Tótem.—O Sabbat.—Laicização progressiva da Humanidade.—A Magia e a Sciencia.—O futuro das Religiões e a necessidade de lhes estudar a historia.—A Sciencia das Religiões não só instrue e educa, mas liberta também o espirito humano.

Religiões Antigas e Religiões Actuaes.—Religiões que existem actualmente.—Religiões dos povos chamados selvagens.—Religiões de todos os povos antigos.—Os seus ritos, os seus deuses, os seus sacrificios.—Os phenomenos religiosos, as suas formas e a sua natureza.—Logares sagrados.—Os templos.—As crenças.—Os mythos.—Como funciona uma religião.—Sacerdocios e Igrejas.—Estudo historico das Religiões.

Christo e o Christianismo.—A Judeia ao nascer Jesus.—Quem foi Christo.—Exame da sua doutrina.—Os primeiros seculos do Christianismo.—A influencia de Platão.—Christo não foi o fundador do Christianismo.—Falsidade da actual religião christã.—Os concilios.—Costumes de Christo e da sua pretendida Igreja.—Guerras entre Christãos.—Atrocidades praticadas pelo Christianismo.—Crimes da Igreja.—A moral christã, inimiga da Vida, do Amor e da Felicidade.

Como se vê, por este simples enunciado dos seus capitulos, a Historia das Religiões é um livro notavel e cuja leitura se impõe.

Preço do livro: brochado, 200 réis; magnificamente encadernado em percalina, 300 réis. Vende-se em todas as principaes livrarias de Portugal, Brazil e colonias.

Remette-se tambem pelo correio para todas as terras a quem remetter a respectiva importancia em estampilhas ou qualquer outro valor de facil cobrança. Pedidos á Litoraria Internacional, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

Descanso semanal

A celebre Lei do Descanso Semanal que no tempo da dictadura de João Franco levantou tanta celeuma por esse paiz, vem mais uma vez interessar a população de Portugal; porque, posta de parte por uns e desrespeitada por quasi todos até agora, acaba de sahir por um decreto do ministro do interior vasada em moldes novos e trazendo novas providencias que as constituintes approvarão definitivamente e que poderão ser modificadas, dillo o proprio ministro á medida que a pratica e a experiencia indicarem.

Sem contestação é esta uma lei que interessa vivamente todas as povoações e agora, como sempre, ella vae dando logar a diversas interpretações, umas resultantes da colisão de interesses como o proprio autor della previu, outras resultantes, na verdade, de disposições um pouco obscuras, que o illustre ministro se appressará, de certo, a esclarecer e a regular.

O dia indicado pela lei, para descanso é o Domingo, mas as camaras municipaes tem a faculdade de escolher outros dias conformando-se mais com os interesses das diferentes classes dos seus concelhos, interesses que essas municipalidades conhecem mais de perto.

Em Tavira, a Camara Municipal entendeu convenientemente fazer uma previa consulta aos interessados e para isso convidou o commercio e os artistas da cidade a comparecerem nos Paços do Concelho onde acordariam no dia mais conveniente para o descanso. A reunião dos commerciantes effectuou-se pelas 2 horas e meia da tarde de sexta feira. A dos artistas teve logar hontem sabbado, á mesma hora quasi.

Foi escolhido pelos commerciantes o dia de segunda feira para o descanso semanal.

Quanto aos artistas, dividiram-se em dois grupos propondo á camara para descansar um d'elles ao

domingo e outro na segunda feira.

Propoz para descansar ao domingo o grupo de pedreiros, pintores, marceneiros e carpinteiros. E para descanso á segunda feira o grupo de ferreiros, sapateiros, funileiros, barbeiros e alfayates.

Não está ainda sufficientemente esclarecida esta questão de descanso semanal tendo se levantado umas duvidas sobre a interpretação da lei.

Assim, enquanto uma parte dos commerciantes e artistas julgam que a lei do descanso semanal indica o encerramento dos estabelecimentos e das officinas, seguindo a mesma rotina do que se fez quando foi promulgada a lei de João Franco, á outra parece que a lei determina apenas o descanso dos assalariados—um descanso de 24 horas seguidas—sem que, por isso sejam obrigados a fechar os estabelecimentos de commercio e outras casas, pois podem n'ellas exercer o seu mister os não assalariados, no proprio dia que for destinado ao descanso dos empregados assalariados.

Realmente é este o parecer que mais conforme está com a letra da Lei, que logo no seu primeiro artigo faz essa distincção que nos parece ficar alli bem saliente.

Em todo o caso, no desejo de bem informar os seus leitores o Heraldo fez uma consulta á pessoa mais competente para esclarecer este assumpto. A resposta, porém, é provavel que não chegue a tempo de ser publicada n'este numero, reservando nos, se ella nos for dada, para em supplemento ou no proximo numero a publicar, ficando então o publico sciente da verdadeira interpretação que deve dar-se á Lei do Descanso Semanal.

Salão Animatographico

Continua a empreza d'esta sala de divertimentos a exorçar-se para trazer ao publico da nossa terra algumas das mais notaveis variedades que por esse mundo fazem successo em salões congeneres.

Ao trio excellente de Las Amatis e á greça salerosa da Bella Amparito succedeu-se agora o famoso ventriloquo sr. Llovet que desde quinta-feira nos mostra com natural perfeição a sua arte n'uma pittoresca galeria de bonecos. N'esta, especialidade raro se encontrará mesmo nos principaes palcos do mundo, artista mais perfeito e por isso o recommendamos ao publico que tão cedo terá nova occasião de apreciar o curioso phenomeno em condições de tão merecida admiração.

NOTÍCIAS MILITARES

Foi collocado em infantaria 4 o major sr. Paulo Gomes.

Foi transferido para infantaria 22 (Portalegre) o major de infantaria 4 sr. Medina.

Foi collocado em infantaria 22 (Portalegre) o tenente sr. Francisco Antonio Ramos, que estava servindo na guarda fiscal em Alentejo.

BRINDES

Como de costume, temos recebido nestes principios de anno, muitos bilhetes de boas festas, caleentarios reclames de varias emprezas e pessoas. Não agradecemos ainda estas offerias mas não deixaremos passar d'este numero a referencia que compete a cada um dos que nos distinguiram com tal amabilidade.

Da Typographia Leonardo, de Portalegre, recebemos a offerta d'uma pequena folhinha portatil, caprichosa e perfeito trabalho typographico d'aquella officina.

A excellente officina typographica do nosso correspondente sr. Richard

Gans, de Madrid, offereceu-nos um bello brinde em que se salienta a admiravel perfeição dos trabalhos executados n'aquella casa.

As emprezas typographicas dos srs. Juan Caballero, de Bilbao e J. Nenville, de Francfort Sur Maine, enviaram-nos dois bellas reclames brinches das suas casas, primorosos, trabalhos de arte typographica e de lithographia.

Os srs. Charles Lorilleux & C.^a, de Paris, offereceram-nos mais uma vez o calendario annual que costumam distribuir pelos seus freguezes.

Dos srs. Bazilio & Teixeira, pharmaceuticos de Faro, recebemos uma folhinha portatil.

A todos agradecemos a lembrança retribuindo as boas festas e as prosperidades que com esses brinches, nos enviaram.

OS QUE MORREM

No domingo passado falleceu em Tavira, o conhecido proprietario sr. João de Souza um dos 40 maiores contribuintes d'este concelho.

Era irmão do sr. José de Souza proprietario no Calvario e avô do sr. João de Souza e da sr.^a D. Maria José Souza.

Deixou á viuva e aos netos a ra snavel fortuna que possuia. O seu funeral realisoou-se na segunda feira sendo deposta sobre o feretro uma corôa de violetas russas e glicineas com a seguinte dedicatória: A seu marido e avô João de Souza—Eterna saudade, sua mulher e netos.

Em Evora falleceu o soldado Francisco, do 3.^o batalhão de infantaria 4.^a Era natural de Olhão e filho de Manoel da Encarnação e de Maria do Carmo Guimaraes.

Na quarta feira falleceu em Lisboa

o sr. Paulo Berjâmin Cabral, inspector geral das industrias electricas e dos telegraphos, aposentado havia poucos dias.

Era socio da sociedade de Geographia, professor de electrotechnia no Instituto Industrial.

ALBERTO DE SOUSA COSTA

E

AUGUSTO DE CASTRO

ADVOGADOS

RUA DO CRUCIFIXO, 16, 1.^o—LISBOA

GREVE

O pessoal da estação do caminho de ferro de Tavira publicou no Heraldo ultimo uma declaração que é da inteira responsabilidade desse pessoal.

Satisfazendo ao pedido dessa publicação, demos cumprimento á norma por nós estabelecida de franguear as columnas deste jornal a todos os esclarecimentos que nos sejam enviados pelos interessados em qualquer acontecimento, noticia, ou commentarios que neste jornal se tenham publicado.

NOTÍCIAS PESSOAES

Fazam annos:

Hoje, 22—Alvaro Mandes Torres, José Vicente do Carmo, Dr. José Antonio Vasco Mascarenhas. Segunda, 23—D. Regina Judith Athias, Manoel Renato Figueiredo Corvo. Terça, 24—D. Maria Jeruina Fr. ire d'Almeida, D. Marianna Correia Dóres. Quarta, 25—D. Maria Isabel Parreira Farello, Abcissio Sab. th. Quinta, 26—Theophilo Jose da Trindade. Sexta, 27—Sebastião da Cruz, José João do Carmo Vieira, Antonio Santos, Filipe José de Aragão Ribeiro, Henrique Vaz do Mascarenhas. Sabbado, 28—D. Maria do Carmo Sanches Ortigão, D. Maria Elisa Pinto, Victorino José de Magalhães.

Pelo sr. João Guerreiro Cabrita, filho do sr. Joaquim Bitorres Cabrita, foi pedida em casamento no dia 8 de janeiro em Lagoa a sr.^a D. Anna Rita Mendonça e Costa filha do sr. Antonio Joaquim da Costa.

Resolvem em Tavira na sexta feira os srs. José Estevão Affonso, director das obras publicas n'este districto e dr. Joaquim do Nascimento Trindade.

Esteve alguns dias d'esta semana em Tavira o sr. João Alvaro Pestana Girão, engenheiro director dos serviços hydraulicos, n'esta provincia.

Vimos em Tavira na sexta feira o sr. João Mascarenhas de Portimão.

Acompanhado do sua esposa regressou de Ayamonte a esta cidade o sr. D. Manoel Solesio Pronstreller. Veio em sua companhia, passar algum tempo n'esta cidade, amadoisellew Anna Navarro, d'aquella cidade hespanhola.

Com sua esposa regressou do Porto no dia 16 o sr. dr. Victor Machado de Serpa, juiz de direito n'esta comarca.

Por motivo de diligencias profissionais na celebre questão da Arrancada, estiveram em Tavira na sexta feira os engenheiros Marques e Moraes Sarmiento.

Tem estado doente em Villa Real o general reformado sr. José d'Abreu Macedo Ortigão.

Foi nomeado interinamente director do asylo que era das Irmãs nhas dos Pobres o sr. Francisco de Paula Chumbinho que é tambem director do Asylo de Mendicidade.

A. M. PAULA
CIRURGIÃO DENTISTA
RUA CONSULHEIRO BIVAR N.º 15
FARO
552

com o curso de Construção Civil e Obras Publicas pelo Instituto de Lisboa.

Levantamentos, plantas, cortes, projectos e outros trabalhos de topographia e construção.

TAVIRA

CARTA DE FARO

NO PAIZ DAS GRÉVES—RAZÕES POR QUE O SOL AINDA NÃO FEZ GRÉVE—A MALUQUEIRA INDIGENA, PEPINOS E IMBECIS—ESCORSO DO PORTUGUEZ ENCARNADO E VERDE—DITO DO AZUL E BRANCO—TRAFIGANCIAS, CACIQUE E CONCESSÕES.—DIFERENÇA APPARENTE ENTRE A GARNACHA DO MONARCHISMO E O BALANDRAU DA REPUBLICA—TÁRAS, PHOBIAS E TRATANTISMO—AS CATILNARIAS DOS REACCIONARIOS E A IGNORANCIA DOS «VERMELHOS»—EMPRAZADORES, MAÇADORES E EXIGENCIAS—O QUE DIZ O MEU VISINHO TABERNEIRO—O QUE ELLE FOI E O QUE ELLE É—NÓS E O MOVIMENTO SYNDICALISTA—O DIREITO Á GRÉVE PARA OS QUE TRABALHAM—RAZÃO POR QUE O PORTUGUEZ DIFFICILMENTE PODERA SER UM GENUINO GRÉVISTA—CONSIDERAÇÕES E CONSIDERANDOS—«ADHESIVOS E THALASSAS»—CARGA CRITICOLOGICA A VARIOS SUCESSOS—O MINISTRO DO FOMENTO E O BLOQUEIO DOS «REPUBLICANOS»—CITADINOS—FERROVIARIOS E FERROVIÁÇÕES—ETC. ETC. ETC.

Não ha duvida que a mais intensa das gréves, agudas atacou este malhado paiz á beira mar plantado.

De norie a sul tudo faz greve. Já não ha dias de semana, ha dias de greve; e a tal ponto chegaram as coisas que nem devemos surprehendernos se, algum dia, esperarmos inutilmente o sol—o bom sol, nosso velho amigo,—que tambem, como qualquer pauco está no pleno direito de fazer a sua greve quando muito bem lhe pareça.

Temos até a certeza de que se o não fez já não é porque não esteja farto de at rar a serie de maluqueiras ineditas, que n'estes ultimos tempos tem desinguido a nossa raça altamente corro da pelo tratantismo, o peor mal do mundo.

Se o sol ainda não fez greve, foi apenas por deferencia para com as demais nações do orbe.

Portugal, este pequenino rincão em que medram á profia os pepinos e os imbecis, deve estar completamente desacreditado lá no ceo.

Não se perde grande coisa certo, mas sempre é bom ter amigos até no inferno.

Pelo que se está vendo, o portuguez encarnado e verde é tão bom como o portuguez azul e branco.

Um, o azul e branco, tendo-lhe sido dado pelo constitucionalismo o direito de intervir na publica administração, não duvidou metter os pes pelas mãos, quando não podia metter as mãos nos cofres publicos, traficando com a propria consciencia, vendendo o voto ao cacique que, por sua vez, o cambiava com os avariados governos, a troco de crachás, empregos chorudos, concessões criminosas e outras tratantadas de igual jaez, contribuindo assim para enlamear os fastos portuguezes com lamas de todas as proveniencias, e algumas bem de longe, como por exemplo as do Nyassa.

O outro, o portuguez encarnado e verde, começou já a dar signal de si, e em pouco tempo vamos lá que se tem mostrado um digno successor do primeiro, um seu emérito continuador.

Que elle, a bem dizer, não ha primeiro nem segundo, ha um só, o mesmissimo portuguez authentico, genuino, legitimo que, despida a garnacha do monarchismo azul e branco, envergou o balandrau encarnado e verde da irmandade da Republica.

Por fóra, encarnado e verde, por dentro... portuguez legitimo.

As mesmas táras, as mesmas phobias, a mesma propensão nata para o tratantismo e para a maluqueira.

E o peor do caso é que se o portuguez azul e branco lia as immundas catilnarias dos reaccionarios, o portuguez encarnado e verde, em regra, não sabe ler nem escrever e será muito honrado mas, em geral, é sufficientemente ignorante e bronco para atrapalhar o capitulo!

Ahi é que está o mal!

D'ahi a serie de exigencias e ultimatus que todo o prestante cidadão se julga no direito de fazer ao governo da Republica.

D'ahi a enorme galeria de emprazadores e de maçadores de todas

as castas e feitos que, nestes últimos tempos, se tem posto á perna dos membros do governo, mal lhes deixando tempo para comer, dormir e tratar dos callos!

—Justissimas exigencias, abaixo a *thalassaria*! Berra-me aqui aos ouvidos o meu visinho taberneiro, que por signal já barrou a porta de encarnado e verde.

Mas eu, dando volta á caixa dos pensamentos, recorro cheio de nojo, de tedio e de repulsa que o meu prestant' visinho foi, em tempos ainda não remotos, um dos mais accerrimos franquistas que houve debaixo do sol!

Concluo, e parece-me que bem, que as suas tiradas amoradas a favor da joven Republica, devem ser, pelo menos, tão sinceras como a sua calorosa defeza dos decretos *liberticidas* do famigerado inglez do Fundão!

Ora pois, Tire o leitor a moralidade do caso e utilize-a para uso proprio que não lhe levo nada pela receita.

Tudo isto vinha a proposito das grèves. Da *greévomania* que tanto tem prejudicado o paiz e é a ultima das mystificações por isso mesmo que nos faz passar lá fora por um povo de trabalhadores quando somos um povo de mandriões.

Quer isto dizer que, em principio, sejamos contrarios ao movimento syndicalista?

Não! Quem tal pensar o deduzir destes e-criptos é pelo menos asno chapado ou semi-burro para todos os effeitos.

Simplemente fazemos uma pequena restricção:

O direito á greve só deve ser reconhecido aos que trabalham.

Ora o certo é que, por maiores diligencias que se façam, ninguém será capaz de provar que todos esses *grévistas* que por ahí tem apparecido nos últimos tempos sejam creaturas e falladas no trabalho.

E a razão porque não são é muito simples. E' simplissima!

E' que são portugueses e, em geral, o portuguez é indolente, traiceiro e commodista.

Não meche um braço sem licença do outro, não dá um passo senão por interesse, nem sabe tratar senão de si.

O egoismo e o tratantismo são as suas feições predominantes.

Fazem a Republica meia duzia de valentes patriotas, percorrendo uns o paiz, pregando aos herejes do monarchismo corrompido pela jesuitada triumphante, entrincheirando se outros na Rouinda e ali, numa vertigem de heroismo, manipulam com suas balas e granadas o berço da joven Republica nascente que, por fim, se corôa com os louros da victoria.

Tudo concorda. Todos adherem e, no meio da especiativa geral, averigua se, que em Portugal existia uma monarchia sem monarchicos.

Sendo assim, e era, que admira que as adhesões ao novo regimen fossem immediatas e espontaneas?

Que succedeu, porém?

A coisa mais phantastica e burlesca que se podia imaginar. Aos iristes que desejavam acolher-se á nova bandeira, começou a chamar-se *adhesivo* e a fazer-se-lhes a troça mais bombastica de que ha memoria.

Aos que não querem renunciar ás suas tradições chama-se *lhes thalassas* e apontam-se a dedo aos odios de escumalha avinagrada.

E' claro que as coisas assim não podem continuar e se continuam, dão bota.

Querem o nosso imparcialissimo parecer?

Lá vai para que não nos julguem suggestionados pelas ancas roliças do Bispo de Beja nem pelo colo alabastrino da joven Republica.

O nosso desejo vehemente é que o portuguez azul e branco e o portuguez encarnado e verde briguem numa luta de exterminio em que ambos fiquem aniquilados como se fazem mister para o bem estar geral.

Ambos tem culpas no cartorio e se o demo os chamar á sua divina presença não se perderá nada.

Se o primeiro, no tempo da lazarenta monarchia, pedia persegui-

ções contra os republicanos, o segundo exige vexames, transferencias e demissões para quantos não estejam dispostos a supportar-lhe o bafo avinhado e a voz rouquenha com que atrôa os ares.

Não pode ser, nem ha-de ser!

Os que trabalham, as verdadeiras forças vivas da nação,—os intellectuaes, os agricultores, os industriaes e os operarios—não podem deixar de estar do lado da razão e da justiça, sonhando ardentemente com a regeneração da sociedade pela implantação d'um regimen que garanta o bem estar geral e onde não haja explorados e exploradores, ricos e pobres, trabalhadores e ociosos!

Encarnado e verde ou azul e branco são balandras mais ou menos vistosas, encobrindo o portuguez authentic, legitimo, genuino, e o portuguez, é, como tu bem sabes, gentil leitor, mandrião, commodista e trapaceiro.

Urge educal-o para que se modifiquem.

Está feita a Republica em Portugal?

Urge, por tanto eliminar, eliminar, quanto antes todos os perturbadores e sacudir de vez todos os importunos.

Deixem respirar a Republica, senhores grévistas!

E tanto nos alongamos neste exordio que nem descrevemos os factos culminantes da semana: a estada entre nós do ministro do Fomento, o dr. Brito Camacho a quem não conseguimos fallar, porque o bloquearam todos os *republicanizados* cá do sitio, e a greve dos ferro viarios, que, pelos modos não estão dispostos a ferroviar pelos ordenados por que, antigamente ferroviam.

Uma ferroviação pegada.

Saude e bichas.

Senanpidio.

BUROCRACIA

CÂMARA MUNICIPAL

Sessão de 16 de janeiro.

Requeru o sargento Joaquim Pedro Martins licença para se lançar n'uma determinad'area os materiais d'uma obra que vai fazer em um seu predio no largo de S. Sebastião.

D. Elisa Augusta Visetti requereu licença para abrir um vão de janella em uma casa sua sita na travessa do Padre Vaz.

Por proposta do presidente da Comissão administrativa passará a chamar-se *Rua Jara* a que corre em um mesmo bairro paralelamente á antiga Rua Nova de S. Pedro, hoje *Rua Roque Faria*.

Reconhecendo-se que a escola feminina da freguezia de São Thiago actualmente alojada no edificio onde se achava a Conservatoria, tinha uma frequencia que obrigava a aproveitar para sala de estudo os aposentos da professora, foi determinada a construção de duas casas no quintal do referido edificio, destinando-se para habitação, em substituição dos que foram utilizados no serviço escolar. O orçamento feito para tal construção deve dispor 80 e tantos mil reis.

Compareceram na sala das sessões o presidente da comissão administrativa da junta de parochia de São Thiago e alguns membros pedindo que seja creada uma escola mixta na povoação de Santa Luzia. Respondendo favoravelmente a camara, lembrou o presidente a conveniencia de se crear outra escola nas mesmas condições na povoação das Cabanas da freguezia da Conceição d'este Concelho e de se recommendarem estas pretensões ao Governador Civil do districto sr. Zacharias Guerreiro.

Lançar-se-ha na acta um voto de protesto contra a greve dos ferro-viarios e de felicitação ao governo pelas medidas tomadas. Enviou-se telegramma de felicitações ao Ministro do Fomento, Dr. Brito Camacho pela sua attitudem na greve dos empregados dos caminhos de ferro.

O *Heraldo* vende-se avulso em Faro na Tabacaria Central.

LIVROS

«Frazes feitas»—Breves considerações ao livro do Sr. João Ribeiro por Oscar de Pratt—

Como muito bem diz M. Quillard, auctor do *Diccionario dos Proverbios*, estes devem considerar-se como a expressão synthetica dos usos e costumes nacionaes.

Esta affirmativa do erudito proverbographo francez, patenteando de uma fórmula tão precisa o alto valor ethnographico das locuções, ditados e proverbios, demonstra *a priori* quanto é útil para o estudo da idiosyncrasia de um povo a divulgação das suas *frases feitas*, do seu exprimir conciso, consagrado pelo uso, em que cada palavra vale um conceito philosophico e cada phrase encerra um alto preceito de moral.

Explica-se assim a solicitude com que, desde tempos immemoriaes, os *anexins*, os *adagios* e as *sentenças*, tem sido colleccionados pelos entediados.

Umaz vezes, em forma de historietta, ei-tos correndo mundo, fazendo parte integrante de sentenças proferidas por entidades fabulosas, taes como deuses, fadas e gnomos, animaes, vegetaes e até mineraes, que os moralistas põem discorrendo com uma facundia capaz de envergurar Cicerão e com elle todos os mais famosos oradores.

Pode dizer-se que em todos os tempos e em todos os lugares da terra, desde a nebulosa Albion á verde Erin, desde as torruças ruas sevilhanas em que o luar recorta losangos de prata, na suave tranquillidade das noites, desde Nápoles com o seu céu de azul purissimo e as suas incomparaveis paizagens espalhando-se no Mediterraneo, até aos grandes emporios do industrialismo do nosso tempo, taes como Londres, Berlim, Nova-Iork, até as immensas florestas americanas, tudo tem ouvido a voz do povo na sua synthese de Proverbios, essa sã philosophia a que Vico chama a linguagem dos deuses.

A tradição ensina nos que as sete celebridades, cujo prestigio passou á posteridade: sob o nome generico de *os sete sábios da Grecia*—Thales, Pitágoas, Bias, Solón, Cebulo de Laede-monnia e Periandro, preconisaram e propagaram pela pratica do proprio exemplo a vulgarisação do proverbio como forma adequadissima á propagação dos preceitos e doutrinas philosophicas.

Luiz Antonio de Azevedo, tradzin do grego para portuguez os *versos aureos*, de Pythagoras, que outra coisa não são mais do que um florilegio de proverbios.

Thenguis, Phocylides, Socrates, Platão, Clearcho, Theophrasto e varios outros, são ainda exemplos frizantes do grande apreço em que os sábios da antiguidade tinham os proverbios, quer vulgarisassem principios scientificos quer propagassem preceitos de doutrina moral.

Cezar, que sustentava que os proverbios se deviam considerar riquissimos mananciaes de utilidade e bom conselho para as praticas da vida, visto que implicitamente insinuavam a proceder desta ou daquela forma, compillou-os sob o titulo de *Apophthegmas* formando assim um dos seus mais interessantes livros.

Tambem os Rabinos e os Padres da Igreja não descuraram tão curioso assumpto, concluindo de seus estudos que Salomão foi um dos mais antigos colleccionadores de proverbios aos quaes denominava *vozes da sabedoria*.

Os tres livros que nos deixou o *Livro dos Proverbios*, o *Ecclesiastes* e o *Livro da Sabedoria*, demonstram a predilecção especial do illustrado monarcha israelita por este genero de litteratura philosophico-moral.

Tambem os povos do Oriente possuem innumeros proverbios, geralmente notaveis pelo conceituoso das imagens.

Na Europa, durante a Edade Media—o proverbio apresenta-se como uma das manifestações predominantes da litteratura e assume fôros de primazia para conglumar e resumir preceitos scientificos e moraes.

Hava-Mal, notavel repositório de proverbios escandinavos, é um poema

REUNIÃO

CIDADÃOS

A Comissão Administrativa d'este municipio, desejando esclarecer a opinião publica sobre luz electrica e emprestimo por obrigações, convida o povo de Tavira a reunir segunda feira 23, pelas 3 horas da tarde, no salão cinematographico, na rua 1.º de Maio.

Tavira, 20 de Janeiro de 1911.

O PRESIDENTE,

Antonio Padinha

A VISO

A comissão Parochial da freguezia de Santa Maria de Tavira, previne todos os devedores a esta freguezia, de laudemios, furos e juros, em atraso, que deliberou proceder judicialmente á sua cobrança a partir de 1 de Março de 1911.

Todos os devedores que queiram satisfazer voluntariamente poderão fazel o em todos os dias uteis excepto á segunda feira, no estabelecimento do sr. Manoel Coelho de Matos, na praça da Republica.

Tavira, 16 de janeiro de 1911.

O Presidente,

15 Francisco José Pedro Cunha

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos a *Farinha Peitoral Ferruginosa de Franco*, por estar legalmente autorizada e privilegiada, e por ter merecido as medalhas d'ouro das exposições, garantindo a sua efficacia milhares de medicos e doentes que a tem usado. E' tambem precioso alimento para creanças e pessoas de estomago debil em que pretendam um *lunch* ou refeição facilmente digerivel, cuja açção pode realçar-se com um calix de vinho nutritivo de Carne.

O azeite

Devido á diminuta produção de todo o paiz, o azeite tem encarecido n'uma velocidade espantosa preparando-se os que o possuem para o vender a peso de ouro, nada menos.

Actualmente ja se vendia a reis 3x500 o decalitre na nossa provincia e era de esperar que muito cedo ninguém o pudesse obter, porque todos o guardavam n'umaancia sempre crescente de accrescimento no preço.

Mas o ministro das finanças, José Relvas, não esteve pelos ajustes e prepara-se para decretar a importação livre do azeite. Isto é, entrará o azeite estrangeiro sem pagar direitos.

O commercio do Porto já deu todo o seu apoio ao ministro no seguinte telegramma:

Porto 17—Tendo chegado ao conhecimento da nossa Associação que V. Ex.ª tencionava autorisar temporariamente a importação livre do azeite estrangeiro para assim minorar a carestia do nacional, que attingiu um preço verdadeiramente exorbitante com que todas as classes são altamente prejudicadas principalmente o povo, que deste artigo faz grande consumo, vimos rogar a V. Ex.ª se digne promulgar quanto antes tão sympathica medida.

O presidente da Associação Commercial de Logistas do Porto—Almida Romano.

Não está mal entendido, não. Embora pese a bons cidadãos que se preparavam para vendel-o pelo preço do Vinho do Porto do me-lhor.

LIVROS

— Approvados —

— para —

— as Escolas —

J. M. Santos

TAVIRA

insuficientes para cobrir as falhas do ensino.

Não pode o governo distrair a sua atenção com coisas tão insignificantes?

Optimamente. Aclare-se a situação e, averiguado que o lyceu apenas serve para asylo de raridades exóticas e cosmopolitas, o povo, representado pelos paes dos alumnos que saiba cumprir o seu dever.

A instrução official é uma burla? Pois trabalhe-se de forma a evidenciar que a iniciativa particular vale, em vez, mais que a iniciativa de qualquer governo.

Compreende-se que os homens do governo, assoberbados com a resolução de cem mil questões não possam resolver urgentemente, como o caso requeria, a questão do lyceu de Faro.

O que não se comprehende é que aquelles, que tem os seus filhos a escola e para os quaes a perda de um anno representa um irreparavel transtorno, se fiquem mudos e quedos de olhos fixos nas barbas honradas do sr. governador civil, aguardando que lá em cima se lembrem da conveniencia de dar professores aos rapazes.

Não pode ser nem ha de ser.

Os estudantes já evidenciaram a sua energia correndo do seu convívio a padralha mais suspeita e o professor funambulo que os occupava na capinha de gatos e os divertia com os seus irrequietos meneios.

Urge, agora, que os paes se convençam que um lyceu com quatro professores, equivale a um lyceu fechado e, como tal procedam inergicamente.

Daqui lhe secundaremos os esforços com o interesse especial de que o assumpto carece.

Veio para o Algarve tomar posse da caçãoheira Tavira o primeiro tenente da armada sr. Ladislau Mario Durão de Sá.

NOTÍCIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 29—João Francisco Salles Barroso, Francisco José Ramos.

Segunda, 30—Esterão Paulo Afonso.

Terça, 31—D. Maria do Castello Liz Teixeira, D. Isabel Freire Tavares, D. Maria Augusta Guedes Ferreira, Dr. Henrique Cavaco, Eduardo Dias Ferreira.

Quarta, 1—D. Maria Victoria Aboim Ferreira, Dr. José Ribeiro Cestanho.

Quinta, 2—D. Elvina Laura Callega, António Joaquim Sant'Anna Correia.

Sexta, 3—D. Isabel de Abreu Caldeira Rebello, Sesiundo Raymundo das Chagas Franco, Jayme Albin, Antonio Peres Santos.

Sabado, 4—Teotura Coelho de Vilhena, José Silverio Capella Almodovar.

CARNAVAL

Hoje, domingo 29 começam no «Gremio Taviense», á rua da Liberdade, as reuniões familiares e recepção a mascaradas.

Pelo sr. José Judice dos Santos foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Samora Gil filha do sr. José Pereira Gil chefe da estação telegraphica postal do Faro.

Estive em Tavira o sr. Antonio da Conceição inspector escolar.

Tem passado bastante incommodado de saúde o sr. Antonio Beroardo da Cruz, nosso presado collega do «Distrito de Faro».

Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Trigo broeiro...	660	14 litros
Cevada.....	400	»
Centeno.....	520	»
Milho de regadio	640	18 litros
Chicharos.....	560	»
Grão.....	900	»
Aveia.....	400	20 »
Favas.....	700	»
Feijão cana.....	13300	»
» vermelho	13400	»
Aguardente....	13300	10 litros
Vinho tinto.....	650	10 »
Azeite.....	33500	»
Vinagre.....	300	»
Ovos.....	35	reís o par

PREDIO

Vende-se o da rua das Portas de S. Braz n.ºs 15, 17, 19, 21.

Trata-se com o seu proprietario TAVIRA.

ESTANCIA DE MADEIRAS

OFFICINA DE CARPINTEIRO

Firmiao A. Peres & irmão

RUA DA CARIDADE

TAVIRA

BRE no dia 1.º de Janeiro este A estabelecimento, contendo á venda, soalho, quina viva, forro, barrotes, flandres em todas as dimensões, ferragens nacionaes e estrangeiras.

Preços sem competencia

CONTRA A DEBILIDADE

PARINHA PECTORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA autorisada, privilegiada premiada com Medalhas d'OURO e em todas as exposições

E' um excellente tonico reconstituinte, e um precioso alimento reparador, muito agradável e de facil digestão, de que milhares de medicos e doentes tem tirado como attestam, o maior proveito na falta de appetite, nos padecimentos de peito, na convalescença de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres grávidas e amas de leite, das pessoas idosas, creanças, anemicos e em geral dos debilitados, qualquer que seja a causa da debilitação. Depósito geral: —Pharmacia Franco, Filhos, Belem —Lisboa. 58

ARRENDASE a Horta Vermelha, no sitio do Alto, freguezia de S. Thiago, pertencente a João José Albino. Trata-se com o conservador d'esta comarca, dr. Simões da Costa. 3

ATENÇÃO

PIPER

A

PEZO

LIVROS

Kilo..... 30 reis
15-kilos..... 400 »

JOBNAES

Kilo..... 60 reis
15 kilos..... 750 »

N'ESTE JORNAL



TREM

Tem um para alugar. Francisco José Mendes do Passo.—Luz—TAVIRA. 14

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

Proprietario—FRANCISCO F. GONÇALVES

LISBOA



O mais central e um dos melhores hotéis de Lisboa. Serviço de mesa excellente Quartos com todos os confortos e commodidades, para pessoa só e para familias. Sala para receber visitas.

Entrada: Praça de D. Pedro, 95 (Rocio)

TELEFONE N.º 1165—Luz electrica

LIVROS

— Aprovados —
— para —
— as Escolas —

J. M. Santos
TAVIRA

CONTRA A TOSSE

Xarope pectoral James

Premiado com medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido

RECOMENDADO POR MAIS DE 300 DOS PRINCIPAES MEDICOS

UNICO especifico contra tosses aprovado pelo Conselho-de-Saude Publica e tambem o unico legalmente auctorisado e privilegiado, depois de evidenciada a sua efficacia em multissimas observações officialmente feitas nos hospitaes e na clinica particular, sendo considerado como um verdadeiro especifico contra as bronchites (agudas ou chronicas), de fluxo tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito e contra todas as irritações nervosas.

A' venda nas pharmacias. Depósito geral: Pharmacia Franco, F.ºs —Conde do Restello & C.ª, Belem—Lisboa. 58

Sellos forenses

De annos atrazados desde 1886. Vende José Maria dos Santos—TAVIRA.

VENDE-SE

uma bicyclette, em bom estado. Trata-se com Antonio Fonseca. 17

PRECISAM-SE

Quatro padeiros habilitados, na padaria da Fabrica de Moagens, em Tavira. 13

ALVIÇARAS

Perdeu-se uma capa de lã dos Pyreneos, encarnada, desde a Porta Nova até á rua Miguel Bombarda (antiga rua Mau Fôro).

Quem achou, pode entregala em casa de Major Dias, que receberá as alviçaras. 10

CASAS

Vende-se uma casa alta com sete compartimentos e poço, na rua d'Alegria. Trata-se com Antonio de Jesus Cabrinha ou João Antonio Dias.—TAVIRA 16

CONSULTORIO MEDICO CIRURGICO

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos de Hygiene, Ophtalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL—OPERAÇÕES

Especialidades: doenças dos olhos, bocca e dentes.
Dentes artificiaes

DAS 11 A' 1 HORA
(Excepto aos domingos)

LARGO DO PÉ DA CRUZ
FARO



Tenho um filho

Christovão, de 5 annos de idade, que soffria horrivelmente de uma bronchite, e com nenhum dos xaropes que lhe dei encontrou melhoras. Dei-lhe a Emulsão de Scott, e com quatro frascos ficou meu filho completamente bom.

Testemunho de ANTONIO PINHO, da rua 14 d'Outubro, Villa Nova de Gaia, em 18 de Agosto de 1909.

A vossa consciencia não vos deixará recusar o aproveitamento d'um remedio tão infallivel para a bronchite. A pureza e a força dos ingredientes do preparado de Scott, e a alta perfeição do seu fabrico, tornam impossivel um resultado nullo. Se não fosse verdade, como se explica que os medicos e as parteras constantemente recommendam este preparado, e os paes e os pequenos doentes se enthusiasmam por elle?

EMULSÃO DE SCOTT

Quando pedirdes o preparado de Scott, não adquires nenhuma que não seja de Scott. As outras emulsões não podem apresentar provas tão certas, de curas realisadas, como esta.

NOTA: Apesar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

Escolha sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

VENDE-SE

Um prédio urbano que tem os n.ºs de policia 9, 11, 13, 15 e 17 na rua de Lisboa. Quem pretender dirija-se ás suas possuidoras na mesma rua, n.º 2. 9

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

UNICO auctorisado pelo Governo, aprovado pela Junta de Saude Publica e privilegiado

Recommendado por centenares dos mais distinctos medicos, que garantem a sua superioridade contra a debilitação, na pobreza de sangue (anemia), nas digestões difficeis, na convalescença de todas as doenças, em geral, sempre que é preciso levantar as forças ou enriquecer o sangue; usando-o tambem, com o maior proveito, as pessoas de boa saúde, mas de constituição fraca, e as robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico, para reparar as perdas occasionadas por esse excesso de trabalho. Um calix de vinho representa um bom bife. Tem sido premiado com as medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido.

A' venda nas pharmacias. Depósito Geral: Conde do Restello & C.ª Pharmacia Franco, F.ºs—Lisboa.